

Gênero e Religião – ST 24

Isabel Aparecida Felix

Universidade Metodista de São Paulo

Palavras chaves: Hermenêutica Feminista - Bíblia - Suspeita

A Função Desmistificadora da Hermenêutica Feminista da Suspeita

I- INTRODUÇÃO

A Hermenêutica Feminista da Bíblia faz uso de diversos passos hermenêuticos em sua arte de interpretar. Neste texto queremos abordar de maneira especial a hermenêutica da suspeita que têm como objetivo questionar, desmistificar e desmascarar as funções ideológicas das estruturas multifacetadas e multiplicativas da opressão e dominação inscritas nos textos bíblicos, em suas diversas e diferentes interpretações e em nossas vidas.

Essa interpretação crítica feminista não defende a autoridade bíblica, mas busca gerar discursos críticos que possam proclamar a autoridade teológica também nas experiências de lutas por mais vida de todas as pessoas. Para a Hermenêutica Feminista da Bíblia, interpretar implica sair das relações de dominação, submissão e exclusão, e caminhar em direção a construção de espaços democráticos, inclusivos, abertos a todas as pessoas independentes de sexo, raça, etnia, classe social e idade, no compromisso com a justiça.

II- A BÍBLIA COMO INSTRUMENTO DE LEGITIMAÇÃO

Neste contexto histórico de globalização neoliberal, a contradição nos salta à vista, e suas conseqüências para a humanidade são muito imprevisíveis.

Para Zigmunt Bauman, ao mesmo tempo em que a globalização une toda a Terra por meio da compressão do tempo/ espaço, através da extraordinária velocidade de movimento, provinda principalmente da revolução informacional, ela separa e segrega um número desmesurado de seres humanos que não conseguem e nunca conseguirão, devido à lógica deste sistema, ter acesso aos seus benefícios. A globalização aumenta ainda mais o fosso que separa as classes possuidoras (que agora se tornaram globais, pois podem mover-se e mover seus investimentos sem restrições de um lugar para outro, sentindo-se "em casa" em qualquer lugar do planeta devido à homogeneização do espaço em que elas habitam e freqüentam) das classes despossuídas. (Zigmunt Bauman, 1999, p. 9-10)

Segundo a teóloga feminista Mary Hunt, a globalização é mais uma forma de colonialismo. O deslocamento forçado de populações, a migração da mão-de-obra para acompanhar o capital e a hierarquização das pessoas de acordo com a cor da pele e a origem étnica, lembra as formas primitivas de colonialismo nas quais o cristianismo desempenhou um papel tão sinistro. (Mary R. Hunt, 2001, p. 18) Como foi na utilização da Bíblia e de diversas interpretações fundamentalistas para justificar a escravidão: "Para o asno, forragem, chicote e carga; para o escravo, pão, correção e trabalho" (Eclo 33,25). "Felizes os servos que o patrão encontrar vigiando" (Lc 12,37).

Na globalização atual este tipo de leitura e interpretação bíblica ainda prevalece para legitimar a dominação política, cultural, econômica e religiosa. Como aconteceu antes da assinatura mais recente da declaração de guerra, do Presidente Bush, em que ele levava a Bíblia em uma das mãos, enquanto discursava sobre o "Deus verdadeiro" (www.bushwatch.com)

Textos como: Não permito que a mulher ensine, ou domine o homem. Que conserve, pois, o silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão. Entretanto ela será salva pela sua maternidade, desde que com modéstia, permaneça na fé, no amor e na santidade. (1 Tim 2,11-15) que é utilizado pelos poderes religiosos para legitimar a submissão, obediência e a origem do mal nas mulheres. Ou textos como: O homem que se deita com outro homem como se fosse uma mulher, ambos cometeram uma abominação; deverão morrer, e o seu sangue cairá sobre eles. (Lev. 20,13). Para legitimar preconceitos, heterossexismos.

Essas normas, valores, códigos domésticos, foram construídos para defender e legitimar interesses e poder de algumas pessoas, em detrimento do racismo, das guerras, do imperialismo, do sexismo, dentre outros, como fato dado e uma experiência de "sentido comum".

III- UMA HERMENÊUTICA DE TRANSFORMAÇÃO

A Tradição Cristã sempre nos ensinou a aproximar da Bíblia por meio de uma hermenêutica de aceitação, concordância e obediência, como defesa de uma idéia de autoridade bíblica e uma norma que deve ser sempre obedecida, nunca avaliada e inquestionável. (Elisabeth Schussler, 2004, p. 231)

A teóloga feminista Elisabeth Schussler Fiorenza elaborou a Hermenêutica Feminista Crítica da Libertação que tem como objetivo, contribuir no processo de conscientização das estruturas de dominação de poder inscritas nos textos bíblicos e em nossas vidas. Para esta autora nem a linguagem nem os textos são sistemas de sinais fechados em si mesmos, mas possuem um poder performático:

legitimam ou questionam as estruturas de poder, naturalizam ou interrompem, a hegemonia no mundo, ou inculcam valores dominantes ou emancipadores. Ela defende que a linguagem não é somente uma expressão, mas uma construção da realidade. (Elisabeth Schussler, 2004, p. 26)

Podemos compreender aqui linguagem como forma de prática social e não como atividade, puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais, um modelo de ação, uma forma em que as pessoas se relacionam com outras, com o mundo, como também um modo de representação. Desta forma contribuindo para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente moldam e restringem suas normas e convenções, como também as relações, identidades e instituições. (Norman Fairclough, 2001, p. 90-91)

A hermenêutica feminista da suspeita que quer ser compreendida, como uma prática desconstrutivista, e aqui desconstrução significa literalmente “desmontar” e não destruir; tem a proposta de desnaturalizar e desmistificar textos e interpretações bíblicas de dominação e suas funções ideológicas que têm interesse de dominar e alienar. Ela tem o objetivo de desenredar, através de uma análise crítica, as funções ideológicas inscritas nos textos e interpretações bíblicas de ontem e de hoje, e em nossas vidas, como preconceitos, sistemas de valores e suposições de “sentido comum”.

1- Para que possamos realizar esta prática interpretativa, é fundamental fazermos uso de algumas perguntas como:

- a) Quem faz o discurso?
- b) Como o discurso funciona?
- c) Para quem este discurso é útil?

Essas três perguntas de suspeita podem nos ajudar no processo de desconstrução das estruturas de dominação ou de libertação que estão inscritos nos textos bíblicos ou em outros textos, nas interpretações contemporâneas destes textos, e em nossas próprias vidas.

Através destas perguntas, podemos nos tornar conscientes das formulações culturais e religiosas que internalizamos e que são legitimadas pelo poder de dominação, mas também de valores alternativos e de visões radicalmente democráticas, inscritas nos textos bíblicos e em movimentos emancipadores. Nos ajuda a avaliar o quanto um texto codifica e reforça estruturas de opressão e ou articula os valores e visões que promovem a libertação, a justiça, a democracia radical, o bem estar de todas as pessoas, independente de sua classe, raça, opção sexual, idade, etnia, etc..(Lieve Troch 2006).

2) Após essa tomada de consciência das interalizações que foram legitimadas social, cultural ou religiosamente, se faz necessário também explorar os valores e as visões emancipadoras, alternativas que estão também inscritas nos textos bíblicos e nos diversos movimentos emancipadores contemporâneos.

Vale salientar que, essa análise crítica das tendências opressivas, bem como das possibilidades libertadoras inscritas nos textos bíblicos, e sua função contemporânea para a libertação, não devem ser feitas de uma vez por todas, mas quantas vezes necessárias, em posições e situações sociais particulares. Não de forma dualista como, opressiva ou como emancipadora, mas reconhecendo sempre o pluralismo de sentido e de verdades.

3) A hermenêutica da suspeita não quer simplesmente analisar as estruturas sociais, políticas e religiosas de poder, para compreender e explicar a sociedade, ela quer oferecer uma ferramenta crítica que contribua no processo de conscientização tanto das estruturas opressivas como libertadoras, em vista da transformação da realidade. Para transformar precisamos de linguagem, discursos, conceitos diferentes, alternativos às práticas de dominação.

Para Elisabeth Schussler, a transformação só pode ser alcançada através de um engajamento em movimentos emancipadores, somente esses movimentos podem nos oferecer visões que nos impulsionam a práticas transformadoras, que nos ajudam a quebrar as práticas de dominação construídas hierarquicamente, e assim construir uma rede de círculos nas diferenças e não na hierarquização. Não num sonho idealista, mas a partir de visões concretas que nos levam a um processo de práticas democraticamente radicais, dos movimentos que lutam, pela justiça e libertação. (Elisabeth Schussler, 1992, p. 111-114)

Após um longo período de pesquisa e análise das práticas dos diversos movimentos emancipadores, inclusive o feminista, Elisabeth Schussler, descreve algumas visões que ela os caracteriza como circulares que estão presentes nestes movimentos, e nos apresenta agrupadas em três níveis:

a) No nível pessoal

- sufrágio universal
- acesso igual
- respeito igual
- direitos iguais

- bem-estar igual

b) No nível dos sistemas

- igualdade política
- igualdade econômica
- igualdade social
- igualdade religiosa

d) No nível de lidar com as diferenças

- heterogeneidade
- inclusividade
- auto-determinação
- liderança alternada

4) O próximo passo será a realização de uma avaliação crítica da realidade, para em seguida reconstruir normas e valores que serão também uma construção que deve ser olhada com suspeita para ver se realmente ela vai contribuir para a transformação ou manutenção da realidade de opressão.

Para a hermêutica feminista da bíblia, interpretar implica em sair das relações de dominação, submissão e exclusão, e caminhar na construção de movimentos que acreditam que um “outro mundo é possível”, com espaços comunitários, democráticos, inclusivos, dialógicos, críticos, pluralistas, e comprometidos com a justiça e com uma vida digna para todas as pessoas.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Sigmunt. *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

HUNT, Mary E. *Sexo bom. Sexo Justo. Catolicismo feminista e direitos humanos*. Cardenos n 7 . São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 2001.

LEARS, Jackson, Lears, em artigo publicado no The New York Times e citado no site www.bushwatch.com.

SCHÜSSLER, Elisabeth Fiorenza. *Los Caminos de la Sabiduria. Una introducción a la interpretación feminista de la Biblia*: Bilbao, Editorial SAL TÉRREA, 2004.

SCHÜSSLER, Elisabeth Fiorenza. *Pero ella dijo. Prácticas feministas de interpretación bíblica*. Madrid: Editorial Trotta, 1992.

TROCH, Lieve. Reflexão extraída da aula sobre Ética, proferida no curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo: São Bernardo do Campo-SP, junho de 2006.